

Gomes de Souza, um perfil biográfico e literário

Moisés Santos Souza*

Constantino José Gomes de Souza escreveu cinco romances entre 1871 e 1877. Dois em edição livro e outros três publicados em folhetins. *Constantino romancista* pode ser considerada a terceira fase do escritor. As duas primeiras foram dedicadas, respectivamente, a poesia (1845-1851) e a dramaturgia (1856-1869). Sobre essas obras literárias, falaremos mais tarde.

Constantino ainda é, infelizmente, um escritor não conhecido do grande público, nem mesmo em Sergipe, sua terra natal. O pouco que sabemos a respeito do escritor sergipano, ainda se restringe a pouquíssimos ambientes da academia e a esporádicos perfis publicados em jornais. A sua obra continua não sendo lida e devidamente estudada, mesmo Constantino tendo publicado seus livros nos principais jornais e círculos literários de sua época, além de ter convivido com importantes artistas, escritores e intelectuais do século XIX como José de Alencar (1829-1877), Machado de Assis (1839-1908), Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882), João Caetano dos Santos (1808-1863), Francisco de Paula Brito (1809-1861), entre outros. Muitos, inclusive, foram colegas de Constantino no Conservatório Dramático e em tipografias diversas.

Nascido na povoação de Estância, província de Sergipe, em 18 de setembro de 1825, Constantino era filho de José Maria Gomes de Souza e Maria Joanna da Conceição (1). Sabe-se que teve dois irmãos: o também poeta José Maria Gomes de Souza (1839-1894) e Bráz Gomes de Souza, a quem dedica a este último um poema de 6 estrofes intitulado “A morte de meu irmão”, em 1868 (2). A pequena, porém agitada povoação de sua infância e adolescência, estava em uma efervescente vida cultural e política, além de um rápido crescimento entre os núcleos urbanos existentes em Sergipe da primeira metade do século XIX. Em um ínterim de pouco mais de vinte anos, Estância passa de povoação para Vila Constitucional em 1831 e elevada a categoria de cidade em 1848. Nela foi fundado o primeiro jornal de Sergipe, o “Recopilador Sergipano”, em 1832. É nesse tempo que Constantino teve a oportunidade de estudar as primeiras letras e lições de latim com importantes personalidades da província como o professor Joaquim Maurício Cardoso (1808-1869) e o padre-mestre Raymundo de Campos e Silveira (1808-1852).

Outros dados da sua infância e adolescência como também da vida adulta são desconhecidas e assim vai permanecer, infelizmente, pois há poucos dados em documentação, mas sabemos pelos seus biógrafos que aos 19 anos, em 1844, Constantino transfere-se para Salvador e matricula-se na Faculdade de Medicina da Bahia (3). No tempo que fica nesta província até o ano de 1849, ele publica seus primeiros versos e colabora em alguns periódicos, como “O Atheneu” e a “A Época Litterária”. Este último, classificado como um jornal de cunho “científico, literário, histórico e de bellas-artes”, fora impresso na tipografia do famoso livreiro baiano Carlos Pongetti. Neste jornal, Constantino além de colaborar, era seu diretor.

A partir de 1851, já formado e morando no Rio de Janeiro exerce a dupla função de médico e escritor. Durante alguns anos clínica na capital do Império e nas cidades fluminenses das ricas e escravocratas fazendas de café: Macacu, Paraíba do Sul, Valença e Vassouras. Apesar do prestígio de importante ofício da área de saúde, tem preferência aos exercidos pelas letras, como vai se verificar em mais de vinte anos de vida no Rio de Janeiro. Na capital do Império, ele vai exercer as funções de redator, censor teatral, dramaturgo e romancista, além de escrever e publicar grande parte de sua obra literária: diversas poesias esparsas nos jornais; uma dezena de dramas destacando-se “O Espectro da Floresta” (1856), “A filha do salineiro” (1860), “O enjeitado” (1860) e os romances “O desengano” (1871), “A filha sem mãe” (1873), “O grumete” (1873/1874), “Arycurana” (1874/1875) e “O cego” (1877/1878).

Sobre o drama de três atos “O enjeitado”, representado pelo famoso ator João Caetano dos Santos, a *Revista Popular* na seção “Crônica da Quinzena” escrita por Carlos José do Rosário (1824-1885), noticia

a apresentação cênica em ocasião dos festejos de aniversário dos 35 anos do Imperador Dom Pedro II (1825-1891):

“Em S. Pedro festejou-se o aniversário natalício de S.M. o Imperador com o drama original brasileiro O engeitado, e uma alegoria intitulada A união do Império.

O autor do drama, o Sr. Dr. Constantino José Gomes de Souza, ficou satisfeito com o acolhimento que teve a sua composição: em parte fizeram-lhe justiça, pois que o trabalho não é de todo imperfeito.”(4)

Os dramas “O Espectro da Floresta” e “A filha do salineiro” também foram representadas pelo ator carioca e sua companhia teatral no Teatro São Pedro de Alcântara, no Rio de Janeiro. O conjunto desses dramas fizeram com que o membro do Arquivo Nacional, Chichorro da Gama, em livro intitulado “Os fundadores do Theatro Nacional”, figurasse Constantino como um dos importantes autores da dramaturgia do romantismo brasileiro, juntamente com Martins Pena (1815-1848), José de Alencar, Gonçalves de Magalhães (1811-1882), França Júnior (1838-1890), entre outros. (5)

A partir dos anos 1870, o romance – gênero literário de grande fôlego – dá início a uma nova fase na obra do escritor sergipano. Aponta alguns biógrafos que Constantino aventurou-se nessa seara “com distinção”. O primeiro, de título O Desengano, foi um romance elogiado e que deu certo prestígio a Constantino nos jornais e círculos literários de sua época. Ambientado na Estância de meados do século XIX e tendo como pano de fundo a epidemia do Cólera Morbo que assolava a cidade, a história narra a trajetória do protagonista, o devasso e libertino Matheus, desde o crime que se envolve na juventude e a paixão por Adelaide na maturidade, filha da sua suposta vítima. Esse romance, foi fruto da experiência médica de Gomes de Souza quando tinha sido designado para colaborar no tratamento dos enfermos, vítimas da epidemia em Sergipe, no intervalo dos anos 1855 a 1857.

Ainda sobre esse romance, o periódico “O Apóstolo” na seção Noticiário, coloca:

“LITERATURA – Acaba de ser publicado um romance original com o título DESENGANO, pelo Sr. Dr. Constantino Gomes de Souza, cujo nome é honrosamente conhecido entre os cultores das letras pátrias.

O trecho do romance além de bonito é nacional, bem desenvolvido: contém episodios tão bellos, de tanta elevação, que sustentam a reputação litterária do distincto escriptor.” (6)

A filha sem mãe, publicado em dois volumes, retrata por sua vez, alguns “quadros e cenas tristíssimas da escravidão” nas províncias da Bahia e Rio de Janeiro. Lido pelo autor em um círculo de homens de letras (7), foi recebido com alarde por alguns periódicos do Rio de Janeiro como também fora desta província. O jornal O Pelicano, de Belém do Pará, publica nota:

“Lê-se na República: ‘O sr. dr. Constantino Gomes de Souza, já conhecido nas letras brasileiras por várias produções, concluiu um romance em dois volumes com o título ‘Filha sem mãe’.

Dentro em pouco deve ser dado à estampa, e então ocupar-nos-emos detidamente do seu mérito literário.” (8)

Os três romances seguintes foram publicados de forma seriada nos jornais “Semana Illustrada” e “A Illustração Brasileira”, de propriedade do caricaturista alemão Henrique Fleiuss (1824-1882). O Grumete e Arycurana foram dedicados a alguns membros do Conservatório Dramático, incluindo o presidente da instituição.

Como colaborador e redator na capital do Império, vale ressaltar a presença de Constantino em 1861 na direção da revista semanal literária “A Grinalda”, impressa na tipografia de propriedade de Francisco de Paula Brito. Esse fato é relevante, pois como afirma o crítico Luís Augusto Fischer, Paula Brito

“reunia intelectuais e escritores, oferecendo em sua loja um raro ponto de encontro cultural na cidade”.
(9)

Os últimos anos de vida do escritor foram de dificuldades. O “homem robusto e alto, inteiramente descuidado de si”, seduziu-se pelos vícios do jogo que o reduziu à extrema pobreza. Vítima de congestão pulmonar, Constantino foi encontrado sem vida na noite de domingo, dia 02 de setembro de 1877, pelos médicos Francisco Bonifácio de Abreu, o Barão da Vila da Barra (1819-1887) e Ramos da Costa, no segundo andar de casa n. 34 da rua da Conceição, no centro do Rio de Janeiro. (10) e (11)

Sobre a morte, o jornal *Ilustração Brasileira* de 15 de setembro de 1877, lamenta a perda do seu colaborador:

“A Ilustração Brasileira tem de lamentar a perda de um dos seus colaboradores. No dia 2 do corrente à noite falleceu, victima de uma congestão pulmonar, o distincto autor do romance cuja publicação encetamos e continuamos na nossa folha.

O Dr. Constantino era dotado de rara intelligencia e tinha se distinguido como poeta e dramaturgo. Como romancista deixou o Desengano, A filha sem mãe e o Cégo, que os leitores da Ilustração terão apreciado e hão de apreciar devidamente.

A imprensa foi unanime em deplorar a sentida morte de um dos ornamentos da litteratura patria e ella une-se de todo o coração a Ilustração Brasileira.” (12)

Notas:

- (1) As datas de nascimento e morte dos pais de Constantino são desconhecidas, como também a de nascimento do irmão Bráz Gomes.
- (2) A morte de meu irmão. *Semana Illustrada*, Anno XIII, n. 669. Rio de Janeiro, 05 de outubro de 1873. p. 5351.
- (3) Os biógrafos que o texto remete são: Sacramento Blake (1827-1903) no segundo volume do *Diccionario Biobiográfico Brasileiro*, de 1883; Sílvio Romero (1851-1914) no volume I do *Parnaso Sergipano*, de 1904; Liberato Bittencourt (1869-1948) em *Brasileiros Illustres – Sergipanos Illustres*, de 1913; e Manuel Armindo Cordeiro Guaraná (1848-1924) em *Diccionario bio-biográfico sergipano*, de 1925.
- (4) *Revista Popular*. Tomo VIII. Rio de Janeiro: Garnier, 1860. p. 382.
- (5) GAMA, A. C. Chichorro da. *Os fundadores do Theatro Nacional – Notícias e excerptos*. São Paulo: Nova Era, 1924. p. 8.
- (6) *O Apóstolo*, anno VI, n. 36. Rio de Janeiro, 03 de setembro de 1871. p. 288.
- (7) *Semana Illustrada*, anno XIII, n. 659. Rio de Janeiro, 27 de julho de 1873. p. 5271.
- (8) *O Pelicano*. Bélem, 22 de agosto de 1872. In: SILVA, Jeniffer Yara Jesus da. *O Pelicano: Práticas de leitura de um jornal maçônico oitocentista*. *Revista Falas Breves*, Breves, PA, n. 8, p. 70, maio 2020.
- (9) FISCHER, Luís Augusto. *Pequena Biografia de Machado de Assis*. In: ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó*. Porto Alegre: L&PM, 2011. p. 15.
- (10) *Jornal do Commércio*, anno 56, n. 246. Rio de Janeiro, 04 de setembro de 1877. p. 3.
- (11) O político, médico e poeta baiano Francisco Bonifácio de Abreu, era um velho conhecido e provável amigo de Constantino no tempo que este escrevia no “Crepúsculo” e “Atheneu” em Salvador. Os dicionários de Sacramento Blake e Manuel Armindo Guaraná informam que Gomes de Souza publicou uma crítica literária a respeito do romance em verso “Palmira ou a ceguinha brasileira” do poeta baiano em 1845.
- (12) O Dr. Constantino Gomes de Souza. *Ilustração Brasileira*, anno II, n. 30. Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1877. p. 94.

Referências bibliográficas:

- A Semana Ilustrada: história de uma inovação editorial*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade/RJ, 2007.
- BITTENCOURT, Liberato, *Brasileiros Illustres – Sergipanos Illustres*. Rio de Janeiro: Typ. Gomes Pereira, 1913. p. 33-35.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1883. Vol. 2, p. 138-139.
- CARDOSO, Amâncio. “O Desengano”: Artes de curar em Sergipe no século XIX. *Revista da Academia Sergipana de Letras*, Aracaju, jan. 2000. p. 265-273.
- GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-biográfico sergipano*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1925. p. 56-57.
- LEMOS, Valéria Pinto (Org.). *Os exames censórios do Conservatório Dramático Brasileiro: inventário analítico*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.
- ROMERO, Sílvio. *Parnaso Sergipano*. Aracaju: Typ. Do “O Estado de Sergipe”, 1899. Vol.1. p. XIV-XV.

*Moisés Santos Souza é estanciano, graduado em História Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professor da rede de ensino do município de Lagarto (SE).

Artigo publicado em duas partes em:

Jornal da Cidade, n. 14.302, Aracaju (SE), 20 de janeiro de 2021.

Jornal da Cidade, n. 14.303, Aracaju (SE), 22 de janeiro de 2021.